

18º Congresso Brasileiro de Sociologia
26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)
Grupo de Trabalho: Biografia e Sociedade

Remoção de moradias e composição das práticas cotidianas em comunidades de baixa renda – Narrativa Biográfica de uma moradora da antiga Vila Chocolate em Porto Alegre

Naida Lena Gonçalves Menezes
Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, percebemos no Brasil alguns avanços em relação às políticas voltadas à habitação de interesse social. Em 2001 houve a criação do Estatuto das Cidades e a adoção de ações voltadas para a regularização fundiária que favoreceram a não desintegração das comunidades de baixa renda (ALFONSIN, 2002). Mas, em relação ao déficit habitacional, as novas políticas públicas não trouxeram mudanças significativas. Em 2014, o déficit habitacional por situação do domicílio, segundo pesquisas IBGE/PNAD, foi de 6.068.061 (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2016, p. 32). O número é grande e seria maior caso a definição de moradia fosse alterada. Esse dado foi tabulado sem considerar a precariedade das casas, e sem considerar também:

“a inadequação fundiária, carência de energia elétrica, de água canalizada, de rede de esgoto/fossa séptica ou de coleta de lixo, cobertura inadequada do domicílio, adensamento excessivo em habitações próprias e falta de banheiro” (MENEZES, 2017, p. 98).

A forma como o planejamento das cidades tem sido efetivado, é um fator a ser analisado para entendermos o déficit citado acima. Na década de 1990, o modo como as cidades eram pensadas – até então mais focado em princípios funcionalistas – dá sinais reais de esgotamento. No lugar dos princípios modernistas funcionais, ganha fôlego um modelo de pensar as questões urbanas a partir de uma dimensão empresarial focada no Plano Estratégico (CASTELLO, 2008).

O modelo “Plano Estratégico”, adotado pela maioria das cidades brasileiras, embora tenha sido um mecanismo importante para democratizar e politizar o planejamento urbano, não resolveu os problemas relacionados à falta de moradia. Mantém-se, ao longo do século XXI, a exclusão territorial a partir de uma estrutura fundiária voltada à renda imobiliária (Maricato, 2013). Além disso, projetos recentes de construção de casas populares, que de fato diminuíram os índices de falta de moradia, não parecem dar conta de algumas dimensões relacionadas à qualidade de vida de seus moradores. Joamara, que analisa o Programa Minha Casa Minha Vida em Goiás, afirma:

Há nesses nestes conjuntos, o predomínio de critérios quantitativos acima dos qualitativos, especialmente os da relação custo-benefício, visando sempre o lucro das construtoras acima do interesse de integração urbana e qualificação habitacional. O pragmatismo destes empreendimentos leva a soluções repetitivas, com tipos padronizados, sem consideração dos aspectos culturais, climáticos e sociais. (BORGES, 2013, p.112)

Utilizando-se de dados do Instituto Cidadania, Maricato ressalta que “a maior parte das moradias, assim como boa parte das cidades construídas no país nos últimos vinte anos, foram feitas sem financiamento, sem conhecimento técnico e fora da lei” (MARICATO, 2013, p. 133), sendo que as políticas públicas, os projetos urbanísticos não fazem parte da maior parte dos espaços urbanos do país.

Nosso tema, neste artigo, é analisar esse mundo tido como paralelo, considerado fora da cidade legal, formado por pessoas que tem um teto, mas são consideradas sem endereço, sem lugar na cidade formal. Pessoas que não raro são removidas de uma forma questionável para longe do território em que criaram vínculos e redes de colaboração. Territórios esses em que criaram estratégias de sobrevivência e interação com a cidade formal, participando na constante modificação do ambiente em que estão incluídos. Mais especificamente, nos interessa observar como as comunidades vivenciam processos em que são obrigados a abandonar o seu território.

Analisaremos a biografia de uma moradora da antiga Vila Chocolateiro¹, localizada em Porto Alegre (RS). Os moradores dessa vila passaram pelo fenômeno de remoção compulsória e têm na reciclagem de resíduos sólidos, aliada a uma variada gama de trabalhos informais, um fator sociocultural preponderante.

Essa comunidade, criada no início da década de 1980, localizava-se junto ao centro da cidade e possuía aproximadamente 200 famílias em 2011, quando foi removida. O motivo alegado pela Prefeitura Municipal da transferência para um bairro longe do centro de Porto Alegre é o fato de estar localizada em um terreno que era da União em que seria construído o estacionamento de um prédio público (ALT, 2012).

Embora considerados fora da malha urbana e de seu aparato jurídico, os moradores de vilas consideradas irregulares, através do recolhimento de resíduos sólidos e demais trabalhos formais ou informais, dialogam, discutem, interagem com a comunidade e são partes na construção da urbe em seus mais variados aspectos. Eles fazem parte do cotidiano e do processo histórico de um determinado espaço urbano, o que torna bastante complexo um projeto de mudança de território, como veremos.

2 Perspectiva Teórica e Metodológica

A perspectiva analítica a que nos propomos – com base em interpretações subjetivas sobre a realidade – tem forte sustentação teórica nos estudos de Alfred Schütz. Ele parte do estudo da teoria fenomenológica para estudar os processos cotidiano dos indivíduos no “mundo da vida”. Para a teoria fenomenológica “cada indivíduo constrói o seu próprio mundo que por um sistema de relevância apresenta um aspecto. Mas o faz com o auxílio de

¹ Ao nos referirmos ao local para onde os moradores dessa vila foram transferidos chamaremos de Residencial Nova Chocolateiro, nome escolhido por seus moradores.

materiais e métodos que lhe são oferecidos por outros” (WAGNER, p. 17. In: SHÜTZ, 1979)

O mundo da vida é a esfera das experiências dos indivíduos no qual ele se sente como “principal realidade”, interage com objetos, pessoas e eventos e reconhece como natural o que faz parte de seu grupo e as condições do grupo para a ação. A vivência no mundo social dá-se a partir do grupo interno. Este, apresenta padrões de conduta e sistemas de signos que o encaminham para o “o pensar como sempre” (SHÜTZ, p. 81). Segundo Schütz, “o significado subjetivo que o grupo tem para os seus membros consiste em seu conhecimento de uma situação comum, e com ela, de um sistema comum de tipificações e relevâncias” (Ibidem, p. 82). Esse sistema de relevância não é reconhecido pelo indivíduo de outro grupo como “verdade evidente”. “Nenhum artigo de fé, afirma Schütz, e nenhuma tradição histórica os compromete a aceitar como certo e bom o modo de ser de qualquer grupo que não seja o seu” (Ibidem, p. 84).

A pesquisa de Schütz é dedicada aos processos do conhecimento do senso comum, o que “implica, necessariamente, em interpretar a interpretação dos indivíduos no mundo da vida já que esta afeta, em grande medida o, ser-no-mundo, ou seja, a capacidade de atribuir sentido”. (Santos, 2011).

Rosenthal destaca a sociologia de Schütz e a forma como considera fundamental para a construção da ciência social as construções do cotidiano, “para o processo concreto de pesquisa voltar-se, em primeiro lugar, ao sistema de relevância do agente cotidiano e buscar deixar de lado, nas fases iniciais do levantamento, as nossas próprias relevâncias” (ROSENTHAL, 2014, p.64).

Para Rosenthal o campo das pesquisas interpretativas engloba as narrativas biográficas como fonte. Segundo ela, o pesquisador terá como subsídios, durante e após uma entrevista, uma sequência de elementos expressas pelo narrador ao voltar-se para o passado, o que contribuir para o aparato de informações necessárias à pesquisa empírica.

O método interpretativo, por sua vez, tem por base o princípio da dialética constituinte entre o “individual” e o “geral” e, com ela, a ideia de que o geral está, por princípio, implicado no particular (...) as generalizações a partir dos casos particulares não são empreendidas desde um ponto de vista quantitativo, mas, antes, em sentido teórico, com base na comparação entre os casos (HILDENBRAND, 1999a; ROSENTHAL, 1995)², que podem ser uma família, uma biografia, uma organização (também um hospital ou um jardim de infância), instituição ou também uma sociedade (ROSENTHAL, 2014, p. 90).

Propomo-nos a cooperar com as investigações sociológicas com base na utilização de uma metodologia que parte da relevância da interpretação de sujeitos que vivenciaram o fenômeno da remoção de sua comunidade. Acompanharemos, então, através da narrativa biográfica de Fátima Araújo Coelho³, o modo como uma moradora da antiga Vila Choclatão significa o mundo da vida.

Para estudar o fenômeno da remoção compulsória, a partir da narrativa biográfica, busco na categoria casa um viés para conduzir a análise de

² Hildenbrand, B. (1999a): Fallrekonstruktive Familienforschung. Opladen: Leske + Budrich.
Rosenthal, G. (1995): Erlebte und erzählte Lebensgeschichte. Frankfurt a. M.: Campus.

³ O nome *Fátima Araújo Coelho*, bem como todos os nomes citados pela entrevistada, são fictícios.

reconstrução de caso. Mas, essa categoria é aqui utilizada em conexão com outras três: família, trabalho e território. Também é importante ressaltar que em muitas comunidades, incluindo a Vila Chocolatão (Vila Chocolatão), uma casa “só existe no contexto de uma rede de unidades domésticas. Ela é pensada e vivida em inter-relação com as outras casas que participam de sua construção – no sentido simbólico e concreto” (McCALLUM, 2012, p. 03).

3 Fátima: Nascimento e Primeira Infância

Fátima Araújo Coelho nasceu em uma pequena cidade brasileira, entre as primeiras décadas do século XX. Viveu sua infância em uma propriedade rural, junto com os pais e vários irmãos. Aos nove anos os pais decidem que ela deve ir morar com a irmã mais velha em Porto Alegre.

Na primeira entrevista, Fátima aborda a mudança para Porto Alegre de uma forma a parecer que seus pais foram juntos. Em nosso próximo encontro, no entanto, informa que foi morar com a irmã, longe dos pais. Nessa segunda ocasião, não justifica nem demonstra algum juízo de valor sobre esse dado. Sabemos que a circulação de crianças entre uma determinada família não era incomum (FONSECA, 2006), mas a forma como Fátima lidou com essa realidade não sabemos.

Fátima afirma que na primeira infância foi criada com fartura de alimentos, mas também diz que seu pai tinha que sustentar “muitas bocas”. Talvez, de forma latente, compreenda que a falta de condições financeiras foi um dos motivos pelo qual ela foi dada aos cuidados da irmã.

Percebe-se em toda a entrevista certa flexibilidade em relação à noção de família, o que pode ter sido influenciado pela vivência de Fátima em uma família extensa, que além de seus pais e irmãos contava com uma tia e sua filha. Mais tarde, quando vai para Porto Alegre, ela passa a ter duas famílias: a da tia e a dos pais, com quem continua a conviver no período de férias. Essa flexibilidade também inclui diversidade racial, o que pode ser explicado pelo fato de sua mãe ser de origem alemã e o pai ser “filho de negra escrava com português” (Transcrição: Fátima, p. 11, linha 50).

Ao longo de sua narrativa, a ideia de família nunca é restrita a um pequeno núcleo de pessoas com laços sanguíneos. Para ela, é possível viver junto e ser família a partir de laços de consideração (BUSTAMANTE, 2012). Dessa forma, a flexibilidade de seus laços familiares na infância e adolescência pode ter influenciado em suas ações posteriores durante a formação de novos núcleos familiares em diferentes territórios.

Quando adulta, boa parte de seu sustento virá do ato de cozinhar. Em suas lembranças o “ajudar a mãe” na cozinha ficou como uma lembrança considerada por ela positiva. Percebe-se que sempre destacará como positiva suas atividades como cozinheira. As marmitas que fazia para os estudantes acampados perto da vila durante o Fórum Social Mundial pode ser aqui assinalado. A ideia de família de consideração é parte do contar sobre o cozinhar. Ela recorda que no início do século XXI, na Vila Chocolatão, a sua carne era guardada em uma geladeira da vizinha que ela considera como da família.

Fátima Araújo Coelho poderia abordar sobre a utilização de um fogão à lenha improvisado na rua como um problema, mas salienta que muitas

pessoas utilizavam o seu fogão para economizar gás. No Residencial Nova Chocolate ela continua envolvida com as refeições, participando da realização de almoços comunitários.

Nós fizemos na casa da vice presidenta, que ela tem, essa parte que é lá do fundo ela fez uma área, então ali a gente tem um fogão e bota o boião ali e vai botando as panela, cada panela que a gente vai usando vai tirando, vai usando vai tirando, depois a gente vai aquecendo, mas eu quero vamo vê se a gente fala com o padre pra ele carimbá, que nós somos da da igreja Santana pra ele carimbá pra nós ir nos Mensagero di Caridade, (...) conseguimos as panela, mas tem que vir a ordi do padre, aí essa semana nós vamo falá com o padre pra no dia das crianças nós fazê, eu disse não precisa fazê feijão, fazê uma lentilha e um carreterinho (2) bolo, bolo de banana, porque a gente se reúne e faiz e consegue fazê, sempre tem um que apoia. (Transcrição: Fátima, p.20, 14-25)

Através da biografia de Fátima é possível pensar sobre a relação entre moradia e território pelo viés das estratégias relacionadas à alimentação, que envolvem processos de intersubjetividade a partir do conseguir alimento e cozinhar com a ajuda do outro.

Adultos e crianças que vão para o Residencial Nova Chocolate tem como certa, a partir da “articulação biográfica da experiência,” a ideia de que o grupo se apoia quando o assunto é alimento. Percebe-se que, de certa forma, criam uma estratégia no novo território para manter essa característica do grupo (SCHÜTZ; LUCKMANN, 1973). Também se percebe que, embora Fátima afirme que o Residencial Nova Chocolate é longe de tudo e destaque o território anterior como muito melhor para trabalhar, as interações com determinadas instituições já se fazem presente.

Ainda em relação à categoria território, é importante analisarmos a narrativa de Fátima em relação a sua infância em Porto Alegre. Ela descreve o seu contato com as feiras, com os locais de venda de leite, recordando da vida do bairro em que morava, salientando que frequentava uma feira para os pobres, próxima ao Lago Guaíba. Esse contato com o Lago, e com a feira próxima a ele, possivelmente contribuíram para lhe conectar de forma positiva, quando adulta, com esse espaço. Seja trabalhando como ambulante, perto da feira, seja recolhendo junto com os feirantes legumes para fazer sopa para sua família de consideração, ou então na hora em que opta morar na beira do rio.

4 Adolescência em Porto Alegre: trabalho e sociabilidade

Fátima ao abordar a adolescência pouco se refere à família, focando sua narrativa no trabalho, estudo e lazer. Em toda a entrevista ela não menciona o tio com quem morava. Possivelmente porque ele trabalhava muito e também estudava, o que foi, aliás, o motivo pelo qual, segundo Fátima, ela teria vindo para Porto Alegre: fazer companhia para a irmã. No entanto, é possível que tenham tido uma relação conturbada. Essa hipótese pode contribuir para explicar o porquê Fátima, já adulta, não foi morar na casa dos tios e sim na rua, quando se separa, e mais tarde, quando morre sua mãe.

Na adolescência trabalhava de dia em uma casa de família como babá e estudava à noite, até o momento em que desistiu dos estudos. Não fica claro o motivo pelo qual abandona o Colégio Júlio de Castilhos, ela apenas salienta que foi porque quis: “parei porque eu quis mesmo, eu não, aí já, (emite um

som cujo significado é descontentamento”. (Transcrição: Fátima, p. 22, linha 26). Uma vez que seu foco não era estudar, tendo uma sociabilidade intensa e trabalhando de dia, deve ter tido dificuldades para acompanhar o rigoroso ensino dessa escola. No entanto, mesmo tendo frequentado pouco esse colégio, os estudos anteriores somados a este, deram a ela algumas ferramentas que contribuíram para sua boa oratória e seu posicionamento no mundo enquanto cidadã ativa seja pelo trabalho voluntário que exercerá ou pela luta em relação aos direitos de moradia.

O fato de ter de trabalhar como baba, não era algo visto como negativo para as famílias de classe de renda baixa. Viver em uma casa de família era, e ainda é, considerado bom para que as meninas aprendam uma profissão em um ambiente em que são mantidos os costumes e a moral, sem ficar perambulando pela rua (RIZZINI; FONSECA, 2000). Ao abordar sobre esse período de sua vida, Fátima não o descreve enquanto negativo, afirmando que o trabalho era tranquilo, mas mantém uma visão crítica durante a entrevista em relação ao costume de empregar as meninas. “É que eu cuidava era de criança era uma criança cuidando de outra criança” (transcrição: Fátima, p. 22, 39-40).

5 Casamento de Fátima e Família Estendida

Com 20 anos, aproximadamente, Fátima se casa. Ela não pôde ter filhos, dedicou-se, nesse período, ao trabalho de faxineira e empregada doméstica. A relação com o marido, que era alcólatra, tornou-se, com o tempo, muito difícil. Nesses anos de casada, criou laços fortes com sua sogra, uma “segunda mãe” que, inclusive, lhe ensinou muito sobre ervas medicinais e também lhe iniciou no ofício de parteira. Duas atividades que colocará em prática quando adulta.

Ela foi uma mãe prá mim. Eu tenho adoção bah Deus o livre, ela não existe mais mas ela mora no meu coração. Bah Deus o livre, ela me ensinava muita coisa. Me ensinô até fazê parto, que há muitos anos atrás eu morei na Restinga e no dia do meu aniversário eu tava pintando as unha e foram lá me chamá que uma amiga minha tava com dor do parto, tava tendo contração e eu fiz o parto. (Transcrição: Fátima, p 23, 34-40)

Esse foi, possivelmente, um importante acontecimento relacionado ao casamento: ter “uma segunda mãe”. As experiências em relação à família estendida vivenciada na casa de seus pais, na casa de sua irmã e agora, junto com o marido (boa parte de seu casamento viveu em uma casa no mesmo terreno que sua sogra) afetam e transformam o conhecimento à mão de Fátima em relação ao sentido de moradia e núcleos familiares.

Fátima iniciou uma relação muito afetiva com sua sogra. Um dos momentos em que salienta essa relação afirma: “a sogra era maravilhosa, o marido no início era flor, depois começô a aparecê os espinho. Mas ela era muito querida uma vez ele tentô dá em mim ela chamô a polícia prá ele” (Transcrição: Fátima, p. 25, linha 2-4).

Uma mãe chama a polícia para dar queixa de seu filho. Provavelmente não era essa a expectativa da sogra em relação ao convívio com o marido de Fátima. Mas o pragmatismo que envolve o conhecimento sobre a relação mãe

e filho é afetado justamente pelo fato do filho não corresponder às expectativas da mãe (BERGER; LUCKMANN, 2002).

O pai de Fátima faleceu em um período em que ela estava no auge do estresse conjugal, já não podendo dormir direito devido aos efeitos, no marido, do alcoolismo. Por ter cortado muitos vínculos com o pai na infância, quando vai para Porto Alegre, de certa forma ela já havia vivenciado esse perda. Assim, não viveu um luto profundo com sua morte, ainda mais que sua figura representava a obrigação de ter tido que casar.

Não tendo a figura do pai para representar a tradicional moral da família, ela consegue romper o vínculo com o marido e se separa. A separação, mais do que do marido, foi com uma escala de valores, por isso também se separa da própria família. A irmã mais velha representava, igualmente, os valores tradicionais uma vez que contou ao pai detalhes do namoro de Fátima que o levaram a decisão de que ela precisava casar. Portanto, se separar era cortar vínculos com a irmã. Provavelmente, não tendo apoio para se separar por parte da família, decide ir morar na rua.

E como é que foi para a senhora assim com a sua separação? A senhora se separou mais tarde// Não eu que saí di dentro di casa.

Eu saí da minha casa e fui morá no serviço e depois um dia eu comprei uma casinha, e foi indo, e foi assim, eu saí ele mandava, e ele bebia muito

- Me larga de mão ele dizia.

Aí um dia quando ele chegou tinha um di combi qui agora não existe mais combi

- Que tu tá fazendo?

- Tô te largando di mão. Fui embora. Tô ti largando di mão, tu não vivia falando?

- Vamu conversá

- Já conversam não sei quantos anu agora não tem mais papo.

(Transcrição: Fátima, p. 25, 26-37)

Interessante que ela nega o termo separação, afirma que não se separou, mas sim saiu de dentro de casa. De fato, mais tarde, durante a entrevista, afirma que só se separou judicialmente do marido anos mais tarde, quando já morava no Novo Residencial Chocolateão.

6 A vida de Fátima como moradora de rua e sua mudança para a Vila Chocolateão

Fátima Araújo Coelho morou na rua por um curto espaço entre a separação e sua ida para a Vila Chocolateão.

Aí eu morei na rua Barão do Triunfo e depois da Barão do Triunfo que eu me separei do meu marido legítimo e fui morá na rua, foi quando eu fui morá na Vila Chocolateão, aí eu trabalhava e não podia dormi no serviço e aí peguei amizade que até todo mundo me dizia assim que me achava com cara de sapatona porque eu peguei amizade com uns dez gay, e eles moravam na rua e eles me adotaram como mãe. (Transcrição: Fátima, p. 2-3, 48-3)

Já nessa primeira vez em que ela morou na rua, sabemos que viveu por um tempo no Parque da Harmonia, junto com um grupo de amigos. Embora por pouco tempo, observamos nesse evento uma necessidade de vivenciar um

momento de liminaridade: morar na rua pode representar um estado de exceção ou de transformação (DUARTE, s/d). Para tanto, Fátima opta por um corpo abjeto, um corpo ambíguo (RUI, 2012), como ela afirma na entrevista quando diz que pensavam que ela era “sapatona”. O novo corpo faz parte desse estado de exceção e também fortalece a vontade de não ser vista enquanto mulher. A primeira relação de Fátima na rua foi enquanto mãe, passando a exercer liderança sobre um grupo de jovens.

Em sua narrativa, ela diferencia o morar na rua e o morar no galpão do Parque Maurício Sirotsky Sobrinho (Harmonia). E de fato é diferente, ficava mais abrigada. Mas há também outro aspecto a ser analisado: passar a conviver longas horas de seu dia em um ambiente “rural” (o nome original desse espaço era “Estância da Harmonia”). Esse parque foi criado como uma representação, em pequena escala, de uma fazenda, com local para rodeio, pequena criação de gado e galpão crioulo. Para Fátima provavelmente foi importante essa vivência, por viver em um espaço que lhe remetia a uma etapa da vida que considera como feliz, ou seja, o período da infância em que morou em uma pequena propriedade rural.

Analisando sua primeira passagem pela rua acreditamos que, a partir dos vínculos com o espaço do parque e a formação de laços emocionais com outros moradores de rua, ela se sentiu fortalecida para pensar em voltar a participar de algum da tradicional dinâmica social, o que contribui para que decidisse ir morar na Vila Chocolatão.

E essa menina que morô nos fundo da casa dela já era minha amiga aí o marido dela essa que eu te mostrei que a filha dela vai fazê trinta ano o marido dela é bem vinda, ele disse assim ele me chamava. ‘Ôh Fátima que tu tá fazendo aí? Tá morando na rua, vai lá pra casa’. Eles fizeram um barraco de plástico tinha uma cozinha do tamanho dessa cozinha que era deles lá no: na Vila Chocolatão, me botô lá dentro. Aí depois quando a minha mãe fico doente eu fui embora, prá lá prá Viamão prá cuidá da minha mãe, quando eu voltei que cada um que saísse de lá suponhamo se tu morava na rua (fazendo a suposição) se eu tivesse essa peça eu não vendia eu dava pá um amigo. Aí ficô um rapaz lá mas aí queimô a casa. (Transcrição: Fátima, p. 26, 24-32)

Ao chegar à Vila Chocolatão, Fátima passa a manter contato direto com a família de amigos que a acolhem e também convive com sua família biológica.

Não fica na Vila Chocolatão por muito tempo, uma vez que sua mãe, depois de ter um derrame, mudou-se para Porto Alegre e ficou aos cuidados de Fátima e mais dois irmãos, na cidade de Viamão. Fátima não nos dá detalhes sobre sua vida em Viamão, mas há que se levar em consideração que foi por pouco tempo.

7 Fátima e a Rua

O cuidar da mãe foi positivo, mas acompanhar sua morte foi difícil. A mãe representava o que havia de bom na sua infância. Inclusive, é possível que sua tristeza tenha influenciado na decisão de ir morar na rua novamente e não na casa de algum parente, uma vez que seu barraco na Vila Chocolatão pegou fogo.

Observamos que ela não quer que a entrevistada a veja como uma

pessoa sem nenhuma condição financeira, tanto que afirma que deixou suas coisas na casa da irmã enquanto morou na rua.

O morar na rua é novamente um momento de passagem para Fátima. Em dois momentos em que ocorrem transformações significativas em sua vida, vai para a rua. Talvez na adolescência tenha passado por algum momento similar, embora não o tenha dito.

Mais uma vez ela vai para o galpão do Parque da Harmonia ou talvez, em sentido latente, vai para a estância, para uma zona rural, e dessa vez mora com um grupo de amigos com quem terá um forte vínculo no futuro. Parece que, depois da morte da mãe, foi importante entrar novamente em um estado de exceção, de liminaridade, o que não é *não ser*, mas sim um afastamento do que fora até então. O espaço da primeira infância ficou no imaginário de Fátima como um bom lugar, e é para lá que ela volta através da “Estância da Harmonia”. Fátima forma, nesse período, uma grande família, aliás, extensa como a de quando era criança. O mundo que para Fátima é “tido como certo” engloba trabalho, casa rural e família extensa. Durante seu período de liminaridade são esses conceito/valores que ela novamente organiza.

8 Morando Novamente na Vila Chocolate

Fátima Araújo Coelho justifica sua ida para a Vila chocolate por ser pressionada pela SMOV que ficava recolhendo seus lençóis. Mas sabemos que no ano em que vai morar na vila, 1987, é quando o parque passa a se chamar Mauricio Sirotsky Sobrinho, período em que também iniciam os acampamentos longos em comemoração à Guerra dos Farrapos. Contudo, levando em consideração a sequência de sua narrativa, se percebe que a pressão da SMOV foi motivo para que e não o motivo porque (. Ela e o grupo poderiam ter ido para outro local na rua em que não fossem importunados, mas optaram pela vila porque se sentiam realmente em família. Fátima, e talvez outras pessoas do grupo, depois de criar este novo laço, passam a cogitar a possibilidade de deixar o estado de liminaridade. É claro que liminaridade e morar na rua não são fatores condicionados. Morar na rua, abrange outros fatores. Em matéria de 2017, a jornalista Aline Custódio descreve a vida dos novos moradores do Parque da Harmonia:

Conheça os habitantes da Aldeia Harmonia,
que vivem em parque no coração de Porto Alegre
No Parque Maurício Sirotsky Sobrinho, pessoas em situação de rua convivem em três galpões e mantêm "acordo amigável" com a prefeitura. Entre os moradores, há desempregados, jovens fugindo da violência, estudantes, dependentes químicos, trabalhadores informais e ex-moradores do Interior que vieram tentar a sorte na Capital.⁴

Pela reportagem observamos que Fátima e seu grupo não foram os últimos a morar nos galpões do Harmonia, que segue sendo estrategicamente um importante abrigo da cidade.

O grupo de Fátima que opta por morar na Vila Chocolate, próximo ao

⁴ CUSTÓDIO, Aline. Conheça os habitantes da Aldeia Harmonia, que vivem em parque no coração de Porto Alegre. *Diário Gaúcho*. Porto Alegre, 18.fev.2017. Disponível em: <<http://diariogaucha.clicrbs.com.br>>. Acesso em 08.03.2017.

Parque, continua, segundo relatos da entrevistadora, em um processo de integração com aquele território. Vão se integrando à rede dos bairros próximos inicialmente enquanto carrinheiros que buscam resíduos reciclados. Criando novos laços de consideração com vizinhos, assumindo vários tipos de trabalho, realizando cursos, conquistando empregos. Fátima vê seus filhos seguindo seu caminho.

No mesmo ritmo em que se assume como mãe na Vila Chocolate (afirma: eu sou a mãe da Vila Chocolate) ela vai reassumindo seu papel em sua família biológica, passando a ter muitos contatos com os irmãos.

A construção da casa de Fátima, nessa segunda vez que vai morar na Vila Chocolate, fez parte de uma vivência caracterizada por uma agência criativa que envolve individualização e coletividade a partir do reforço de laços com parentes (no caso a irmã que lhe emprestou dinheiro) e “parentes-vizinhos”. Nesse processo de individualização é importante considerar diferentes posicionamentos quanto à concepção de família nuclear entre homens e mulheres, e a forma como esse posicionamento se modifica conforme as vivências se estabelecem.

A dinâmica que envolve Fátima e seus “filhos emprestados”, em que cada um constrói sua casinha a partir da parede do outro, resulta na construção de um pequeno grupo de casas geminadas com uma cozinha externa em comum. A esse conjunto de moradias ela denominou de “trem das onze”, um espaço que reforçou os laços de consideração do grupo.

Aqui era minha casa, aqui era o pátio tá, aqui era minha casa tá, a janelinha assim, a porta, aí tu consegui madeira, posso fazer a casa, pode, faz outra casinha aqui, lá o outro conseguiu a casa, pode fazê, pode, outra casa e outra casinha, então chamavam as casinhas de trem das onze, era umas, parecia um trenzinho, era grande, aí aqui, assim, tinha outros espaço aqui já iam fazendo outras, outras casinha, aqui ó, aqui tudo era casinha, não tinha saída, só a minha família que morava lá, os meu filho adotivo que morava, aqui era a entrada sem saída, mas era só a minha família que morava:

- Não, posso fazê casa aqui?

- Não, só pros meus filho, o terreno é só dos meus filho. (Transcrição: Fátima, p. 05, 34-43)

Em relação aos demais moradores da vila, para Fátima, o elo surge dos almoços feitos no mesmo fogo, na elaboração de sopões para todos, nos cuidados com as crianças, com direito a levá-las ao cinema. Alias McCallum (2012) ressalta o cuidado com as crianças como um dos fortes elos entre as várias famílias de consideração.

Coisas boas porque eu fazia pipoca doce pipoca salgada, fazia suco pras criança e eles iam lá pra conversá pra mim contá história pra eles, assuntos, só que agora eles são tudo, são tudo adulto já são casado entendeu comê que é. Quando tinha na Farroupilha que a gente tirava levava um pacote de uma farinha di um trigo, um pacote de arroz, um pacote de massa, eu levava as criança no cinema Vitória pra vê A Família Buscapé: é, eu adorava lá, bah se eu pudesse eu voltava prá lá, eu gostava eu gostaria. (Transcrição: Fátima, p. 9, 10-19)

Momentos intensos de sociabilidade e trabalho, considerados positivos, são normalmente narrados por Fátima como vivências que ocorreram na fase

em que morava na Chocolatão. A mudança para o Residencial Nova Chocolatão pode ter gerado em Fátima a sensação de afetividade perdida. A hospitalidade da antiga vila não vai junto com a mudança, mas isso não quer dizer que não haja, ela apenas se transforma e gera saudades.

Fátima nos narra sobre seu dia-a-dia na Vila Chocolatão considerando a casa um bom lugar para organizar as coisas do seu jeito, além de ter um pátio para plantar. Mas para ela o local de sociabilidade não era dentro da moradia: nada de reuniões, festas, almoços, para isso havia as vielas, o parque, o rio e a sede da vila. Essa é uma característica frequente nas comunidades de baixa renda: as pessoas não se sentam para conversar ou receber visitas na sala de estar, mas nas varandas, calçadas ou ruas. O espaço interior da residência não é frequentado a todo momento, apenas para chamar o vizinho para a rua. Essa característica não torna os moradores de uma vila menos hospitaleiros.

(...) Os elementos arquitetônicos da hospitalidade estão atrelados de alguma forma aos lugares de espera e de encontros: a porta aberta e entreaberta, a marquise, o alpendre, os baixios de viadutos e pontes, as arcadas, as galerias, as paredes, os bancos, as ruas, as praças; de um modo geral a maioria dos espaços públicos, onde o acolhimento é mais expressivo do que a própria casa. (FUÃO, 2012)

Os espaços externos do novo residencial não são destacados como acolhedores por nossa entrevistada, o que aparece como positivo em sua narrativa é a qualidade da nova casa: sem ratos, sem incêndio, lugar de descanso, como de deve ser um lar. A instabilidade em relação aos momentos de descanso na antiga vila pode ser acompanhada em sua narrativa:

Primeira coisa tirá os boião prá rua, e as ropa de cama. Porque se queimasse a casa a gente tinha o que comê e aonde cozinhá e o que visti. Porque lá quando deu o primeiro incêndio morreu uma criança uma criancinha, neta de uma grande amiga minha e um rapaz paraplégico, pobrezinho, era-era-era bom de mora lá, mas quando dava incêndio era um desespero, quando dava um curto circuito o pessoal se desesperava. (Transcrição: Fátima p. 27, 31-38).

Embora o interesse de Fátima Araújo Coelho seja mostrar a saudade que sente do entorno de sua casa, do território em que antes habitava, se percebe em passagens onde narra seu dia-a-dia, as dificuldades em que estava envolvida e os problemas que os moradores enfrentavam nos espaços externos da Chocolatão. A partir de outras entrevistas que realizei e notícias de jornais, sabe-se que havia ponto de tráfico na Vila Chocolatão e que, inclusive, passou por um período de disputa entre dois grupos: o liderado pelo DiCanto e a chamada Gangue do Bombom⁵. No entanto, Fátima se refere ao tráfico apenas uma vez, e de forma velada (subterfúgio usado para não se comprometer). Não demonstra nesse trecho muita preocupação por ser tachada de algo, por morar na NC, uma vez que logo ressalta o quanto era bom morar na vila:

é que lá dava muita coisa assim, tipo morte essas coisa assim mais não era

⁵ CORREIO DO POVO. *Capital tem registro de 3 assassinatos* Porto Alegre, 13.out. 2008. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/jornal/A114/N13/html/21CAPITA.htm>>. Acesso em: 21.jan.2017.

com a gente né, mais, morando na vila já fica tachada, é tachada como é. E eu gostava da vila, meu deus do céu, festa, as festa tinha baile nos final de semana, dava até pra trabalha no Parque da Harmonia, na Semana Farroupilha eu tinha um lugar que eu cuidava eu era guardadora de moto. (Transcrição: Fátima, p.9, 23-27)

Em relação ao território da antiga vila, ele teve o diferencial de abrigar grandes eventos cujas características físicas eram semelhantes à vila. Quem deambulava ou permanecia por alguns dias naquele espaço, como os tradicionalistas gaúchos e os estudantes, era obrigado a caminhar em ruas sem calçamento e dormir em barracas ou casinhas de madeira. Talvez essas características tenham contribuído para romper barreiras de sociabilidade e camaradagem.

“A metade da vila essa época tava trabalhando pra montá os piquete, pra fazê salada, pra lava ropa, a gente ganhava dinheiro ali na Semana Farroupilha, todos os evento que tinha ali a gente ganhava bem”. (Transcrição: Fátima, p. 16, 7-10)

Quem quer casa quer descanso, seja por ser pessoa idosa, seja porque é trabalhador ou porque quer proteção para os filhos, os motivos são vários. A casa e o sono estão interligados, “a segurança é fundamental para o sonho, pois só quando o animal se sente ao abrigo de qualquer agressão pode chegar ao estado de paralisia que caracteriza a fase paradoxal onde ocorre o sonho. (RABINOVICH, 1992). O ser humano usa toda a sua criatividade para tentar dormir bem. Moradores de rua, por exemplo, se revezam, fazem uma proteção com materiais reciclados ou ingerem alguma bebida alcoólica, criando uma proteção imaginária. Na Vila Chocolate Fátima e seus vizinhos constroem paredes e tornam-se invisíveis – eu não vi e não sei. Mas, eles têm ideia do quanto é possível se envolver ou não com assuntos externos que podem tirar o sono e quiçá a vida, por isso quando foram convidados a ocupar um condomínio na Avenida Princesa Isabel não aceitaram.

Eles queriam nos dá noventa apartamento, ninguém quis ali (...) não ali tem gente que eu conheço ali, uns conhecido de anos, não, não tem descanso ali, é horrível pra morá ali, ali é horrível, aí ninguém quis, aí resolveram nos trazê pra cá, nós demo palpite, eles disseram: mas vocês não podem, é mas não dá, porque não sei o que que... não sei o que tem aí. Tá, agora tá aqui tá bom, tá, aqui tá bom, fazê o que né, tá bom, é o jeito (Transcrição: Fátima, p.18, 15-21)

A entrevista de Fátima nos dá a ver que participar de uma comunidade, tendo uma casa como núcleo, vincula um indivíduo à sociedade, independente de morar em uma área regular ou não regular. O tempo de convívio e ajuda mútua formam capital social de qualquer forma (BERGER; LUCKMANN, 2002). É este capital social que foi a base para o enfrentamento da remoção dos moradores da Vila Chocolate. O enfrentamento já começou com o grupo não aceitando a mudança para a Princesa Isabel conhecido ponto de tráfico de drogas. Eles souberam como dizer não, e não foram. Esse enfrentamento, por suposto, começou no dia em que cada um deles foi morar em um local proibido. Desde o primeiro momento em que a Prefeitura Municipal, através do

DEM HAB⁶, começou a se organizar para removê-los eles mantiveram-se organizados.

Levando em consideração o ambiente e a linguagem a que estavam acostumados, frequentar a Câmara de Vereadores para protestar não deve ter sido fácil – um território tão próximo da vila e tão desconhecido, distante de seu cotidiano. Para participar das plenárias talvez tenha sido preciso vencer barreira internas e externas próprias do contato entre grupos diferentes. Fátima ao narrar sobre sua participação no movimento contra a remoção usa de um tom discursivo, dedo em riste, mostrando conhecimento de causa:

Tinha meia dúzia de vereador que era nosso apoio que apoiava nós pra ficá na vila, outros duzentos dizia que era da União, porque quando surgiu a vila era meia dúzia de casa então quando eles viram a primeira maloquinha por que é que não tiraram, depois deixou duzentas e pouca famílias que umas não pegaram, pegaram aluguel social, aí que eles lembraram de tirar que era área da União que era área de risco, mais toda a vez que eles perguntavam pra mim eu disse, se não pode se afastá daqui a mil metros, quantos metros tem daqui até a Protásio é 9099 é dez mil. (Transcrição: Fátima, p. 14, 22-28)

Como é que a Vila Planetário meu irmão mora lá criou os filho dele lá e os neto, e os bisneto, não saiu. A Lupicínio não saiu, que era a antiga Ilhota, a Santa Terezinha não saiu, só a nossa vila que saiu de lá, às vezes eu fazia as pergunta e eles dizia assim é: mas a senhora tem que vê que é da união. Mas a do Planetário era do Instituto Santa Luzia, dos deficiente visual e eles ganharam a questão. (Transcrição: Fátima, p.15-16, 50-05)

Observamos nas ciências humanas uma tendência para fundamentar hipóteses fechadas sendo que, muitas vezes, são enfatizadas características que as comunidades de baixa renda não têm. É comum partir da ideia de passividade das classes populares. Koster e Vries (2012, p. 83) tratam sobre a tendência dos estudos acadêmicos em considera os moradores de favelas como “vítimas de um sistema político clientelista, impelidos a vender seus votos a políticos manipuladores em troca de favores.” Embora tal política esteja sempre presente, quando uma pesquisa parte apenas dessa dimensão, pode não valorizar a reflexão e as experiências ativas que os moradores desenvolvem.

O problema com esse pressuposto é que mantém um ponto de vista de classe média e alta em que a política na favela é reduzida à participação de seus moradores em programas governamentais, respostas a intervenções externas, envolvimento em partidos políticos, e campanhas eleitorais (...) a política dos bairros pobres é, como mostramos, a organização da vida num sentido amplo, desde a vida familiar até a vida, o sonho com o futuro. (KOSTER; VRIES, 2012, p. 84)

O processo de remoção precisa ser analisado levando em conta a biografia das pessoas que foram removidas. E nessa biografia veremos que elas agiram, criando situações problemáticas não rotineiras e automáticas (SCHÜTZ, 2003). Então, quanto aos moradores da antiga Vila Chocolate, podemos afirmar que indivíduos organizaram um espaço para sobreviver às margens do que era considerado urbano, ou seja, os antecedentes da remoção já envolvem estratégias que são fruto da intersubjetividade.

Mas e o que foi a base para o enfrentamento da remoção? Nos parece

⁶ Departamento Municipal de Habitação.

que foi o sonho da casa segura. Aqui vale ressaltar o seguinte: o que as pessoas de baixa renda, que vivem em habitações precárias, esperam de uma casa tem pontos distintos, por exemplo, do que um grupo de jovens de classe média quando imagina morar sozinho. Estes, provavelmente, não têm em mente a valorização de um espaço por não entrar água ou porque dificilmente pegará fogo, esses são elementos que não fazem parte de seu conhecimento à mão. Ora, os moradores das “vilas populares” não apresentam, entre si, os mesmos projetos e interesses, mas pelas experiências que vivenciaram juntos podem ter vários aspectos em comum quanto à representação de uma moradia em que possam ter qualidade de vida.

Há outra questão a ser pensada. Percebe-se, pela biografia de Fátima, que ela fez parte de diversos tipos de agrupamento familiar. A pergunta é: se temos uma ideia diferente de família, temos uma ideia diferente de casa? Parece-me que sim. A casa pode se estender, como de fato aconteceu com a presença de seus filhos adotivos (Trem das Onze), ou então no momento em que ela usava a geladeira da vizinha e ao mesmo tempo construía um fogão à lenha na rua que ficava à disposição de todos, para segurança e economia de gás.

9 Remoção para o Residencial Nova Chocolate

Em 2011, Fátima e todos seus vizinhos foram removidos para um residencial na periferia da cidade. A remoção foi acompanhada por um grupo de intervenção da Polícia Federal⁷. O evento “remoção” é lembrado por nossa entrevistada como um momento de muita tensão:

Foi a Polícia Federal, umas arma=m=ó, mas menina umas arma desse tamanho ((buscou a bengala e segurou para eu imaginar o tamanho e em seguida falou imitando o policial:)) e quem é que mora aí, eu disse: eu e Deus e vocês que tão aqui pra me protegê. Parecia que iam prendê bandido, dando graças a deus que nos tiraram de lá. (Transcrição: Fátima, p.14, 38-41)

O evento “remoção” não foi algo tranquilo para Fátima. Mas isso não quer dizer que estando no novo residencial não tenha encontrado formas de restabelecer uma vida de acordo com o que considera importante para seu cotidiano. Na entrevista ela seguidamente afirma preferir morar na antiga vila, apesar da boa casa. Mas, talvez essa vontade seja apenas idealizada, pois diferente de outros moradores, ela não sentiu tanto a falta de trabalho para a sobrevivência, já que ganha um valor de aposentadoria e consegue realizar alguns “bicos” morando no Residencial Nova Chocolate. Tanto que não tem interesse em trabalhar no galpão de reciclagem que existe na nova vila:

Eu nunca quis trabalhar ali, não dispensando, mas eu prefiro cuidá de pessoas idosa, ir numa casa fazê um almoço, faze uma coisa, faze um pudim pra vendê que eu vendo pro pessoal aí do... desses ônibus do Passo do Dornelles, eu vendo: Dona Fátima dá pra senhora fazê um pudim pra tal dia? Pronto, eu entrego quando ele vim do Centro: Dona Fátima eu to na Ary

⁷ SUL 21. *Remoção de famílias da Vila Chocolate divide moradores e governo*. Porto Alegre, 12.mai.2011. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/remocao-de-familias-da-vila-chocolatao-divide-moradores-e-governo/>>. Acesso em: 23.nov.2016.

Tarrago". Já saio daqui e entrego o pudim. (Transcrição: Fátima, p.17, 39-44)

Os frequentes incêndios, alagamentos e presença de ratos era motivo de desespero e impulso para pensar em ir embora. Esses fatores influenciaram no momento em que é aceita a proposta de remoção. Portanto, mais uma vez, a remoção pode ser vista também enquanto boa estratégia para alguns moradores e não apenas como um ato passivo. Claro que, se houvesse a possibilidade de melhorar a infraestrutura da vila, talvez muito poucos quisessem sair de lá.

A antiga vila localizava-se em uma região central havendo, sem dúvidas, maior acesso a possibilidades de trabalho e de estratégias de sobrevivência devido ao variado comércio e a construção de laços de camaradagem entre eles e demais vizinhos dos bairros próximos. Ao ter de viver em um novo território da cidade, foi preciso criar novas estratégias que incluíssem a manutenção dos vínculos com o antigo espaço urbano ocupado.

Aqui é calmo o problema é a distância, tudo aqui, tem supermercado, mas eu prefiro comprá no mercado, nos atacadão ((me mostra uma caixinha de leite condensado)) dois e dezesseis se no boteco dali ((aponta para o boteco dentro do residencial e depois fala muito baixinho)). Sabe quanto que é um? Quatro e cinquenta, esse aqui eu paguei dois e dezesseis, como eu faço pudim eu vô nos ,atacado' , quando eu vejo que tem promoção eu vo comprá, aqui é tudo... Quatro rolo de papel higiênico é quatro pila. Mais vô, meu deus do céu, com quatro reais eu compro oito rolos de papel higiênico, e aqui é quatro reais com quatro rolo, então quem vai ao santo vai a Deus. Eu vô no centro eu trago quatro coisa desses aqui de papel. (Transcrição: Fátima, p.18, 22-31)

As famílias de baixa renda que vivem em comunidades consideradas pelas instituições públicas como à parte da urbe, mesmo dentro da cidade, flexibilizam o que é tido como certo pelos grupos do qual não fazem parte. Seja na forma como constroem casa, na forma como trabalham ou se comunicam. Muitas expressões tradicionais são reelaboradas pelas novas gerações e, sedimentadas enquanto verdades, seguindo como parte da identidade de um grupo e seu específico jogo de linguagem presente na atitude natural.

A casa de Fátima na Vila Chocolate localizava-se nas proximidades com o Lago Guaíba e com um grande parque com boa vegetação, banheiros e churrasqueiras. A beira do rio e o parque eram utilizados por Fátima e seus vizinhos para momentos de sociabilidade. Também o trabalho de Fátima era facilitado pelo movimento na orla do Lago (com a venda de bebidas em lata), e pelas possibilidades de coleta de resíduos recicláveis no centro da cidade - muitos descartes dos empresários do Centro eram doados aos carrinheiros da Vila Chocolate (RAMOS, 2011). Já no Residencial Nova Chocolate, a proximidade era com o desconhecido em uma zona de forte tráfico.

Quando Fátima e seus vizinhos são removidos para o Bairro Mário Quintana, aquela região estava dominada pela Gangue do Minhoca⁸. Através de nossa observação participante, é possível pensar que existe traficante no Residencial Nova Chocolate, mas não lideranças, por isso, quem visita essa

⁸ Diário Gaúcho. *Ninguém sabe, ninguém viu*. Porto Alegre, 14.nov.2014. Disponível em: <<http://diariogaúcho.clicrbs.com.br/rs/policia/noticia/2014/11/ninguem-sabe-ninguem-viu-4642675.html>>. Acesso em: 14.jan.2017.

comunidade tem a sensação falsa de que é uma vila sem problemas. A interpretação de Fátima em relação ao tráfico leva a uma linha de ação em que a estratégia é fazer de conta que não vê, e fingir muito bem:

Adorei vim mora aqui, trabalhei um ano na casa de uma senhora prá fazê isso aqui ó, pá fechá, e nunca mexeram em nada. Agora tá diferente mas, é só a gente sabê, não vi não sei. É só isso. (Transcrição: Fátima, p.28, 17-20)

Mais de dez vezes em sua vida Fátima mudou de casa, sendo que um dos lugares em que mais tempo permaneceu foi na antiga Vila Chocolatão. O fato de ter morado em vários lugares contribui para que tenha facilidade para se adaptar e sociabilizar em um novo lugar. Embora resistente à mudança, ela não limitou a sua vida, começando desde cedo a se aventurar no novo bairro, o que resultou em algumas dificuldades, como aprender algumas novas regras.

10 Considerações Finais

Em relação à análise sociológica sobre moradia e políticas públicas voltadas a habitação de interesse social é fundamental considerar o direito universal à moradia digna, mas é bastante limitador esse pressuposto se não abrangermos o lado multicultural do morar. Uma forma de conceber o que é morar não pode ser superior em relação à outra. Sendo assim, políticas públicas voltadas às cidades, deveriam repensar seus projetos arquitetônicos e seus processos de remoção padronizados. Para haver legitimidade junto às comunidades envolvidas, é importante considerar não apenas aspectos funcionais e econômicos universais, mas pressupostos culturais específicos, próprios do multiculturalismo que caracteriza cada comunidade (SANTOS, 1997).

Para pensar sobre as chamadas vila irregulares, é fundamental considerar “seu carácter de base territorial e multidimensional” que abrange o fator social, o econômico, o físico e o ambiental (FARIAS Filho, 2012). Quando um residencial é pensado pelo poder público para abrigar comunidades removidas de outros locais, é preciso levar em consideração que os momentos de intersubjetividade vivenciados no território anterior podem ter resultado em condutas e interesses em comum que precisam ser analisados. Essas condutas e interesses em comum, se considerados como fatores de dinamismo em um bairro, podem, inclusive, reverter a percepção de que a remoção é o melhor caminho.

A diversidade urbana contribui para evitar formação de bairros fantasmas, sem moradias, com muitos prédios públicos, bancos, lojas e poucas pessoas ligadas historicamente e afetivamente a aquele local (JACOBS, 2011). Se observarmos o espaço do bairro Praia de Belas, em Porto Alegre (local onde havia a Vila Chocolatão), não encontraremos muitos segmentos. Existe um grande território composto apenas por prédios públicos que para além do horário comercial mantêm-se fechados, sendo as ruas e avenidas ocupadas basicamente por automóveis.

Ao repensarmos sobre as políticas voltadas à habitação de interesse social, a Pesquisa Social Interpretativa e mais especificamente a metodologia de Narrativas Biográficas pode ser um importante caminho para aprofundar o conhecimento em relação às especificidades das representações e ações das

comunidades em relação aos projetos que envolvem, por exemplo, moradia trabalho, família e território.

Apesar de cada indivíduo partir de uma estrutura social já organizada, ele define a realidade em que se encontra (SCHÜTZ, 2008)⁹. A análise da narrativa biográfica de Fátima é uma contribuição, de muitas possíveis, para compreender melhor as representações acerca do direito à moradia digna que influenciam na reação das comunidades durante processo de remoção e durante o rearranjo da comunidade após a mudança.

REFERÊNCIAS

ALT, Júlio Picon. MARTINS, Camila Bitencourt. Vila do Chocolatão – Remoção e Impactos. *Cidade*. Centro de Acessoria e Estudos Urbanos, Porto Alegre, 21.set.2012.

ALFONSIN, Betânia de Moraes. Et al. *Regularização da Terra e Moradia. O que é e como implementar*. São Paulo: Instituto Pólis, 2002.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomaz. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 24^a ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BORGES, Joamara Mota. *Políticas habitacionais, condições de moradia, identidade e subjetividade no Programa Minha Casa, Minha Vida em Águas Lindas de Goiás*. Brasília: UNB, 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia), Departamento de Geografia, 2013.

CASTELLO, Lineu. A cidade dos lugares conversáveis. *Arqtexto*, n.16. Porto Alegre, 2010.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (FJP). *Déficit habitacional no Brasil 2013-2014*. Belo Horizonte, 2016.

D'ÁVILA, Naida Menezes. DEMHAB. *Com ou sem tijolos, a história das políticas habitacionais em Porto Alegre*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal - Unidade Editorial, 2000.

DUARTE, Alexandre Ambiel Barros Gil; DE MENEZES, Celso Vianna Bezerra. *Antropologia da Performance: a liminaridade e as contradições do social. Movimento*. Disponível em: http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/antropologia_da_performanc_e_a_liminaridade_e_as_contradicoes_do_social.pdf. Acesso em 8.abr.2017.

JACOBS, Jane. *Morte e Vida de Grandes Cidades*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

⁹ NATANSON, Maurice. Introducción. In: SCHÜTZ, 2008.

KOSTER, Martijn. VRIES, Pieter A. Slum politics: Community leaders, everyday needs, and utopian aspirations in Recife, Brazil. *Focaal Journal of Global and Historical Anthropology*, n. 62, 2012.

MENEZES, Daiane Boelhouwer. Provisão de habitação de interesse social nos municípios gaúchos: resultados de programas federais entre 2007 e 2016. *Indicadores Econômicos FEE*, Porto Alegre, v. 44, n. 3, 2017.

RIZZINI, Irene. FONSECA, Claudia. *As meninas e o universo do trabalho doméstico no Brasil*. Aspectos históricos, culturais e tendências. San Isidro: OIT: 2002.

FONSECA, Claudia. Da circulação de crianças à adoção internacional: questões de pertencimento e posse. *Cadernos Pagu*, n.26, jan-jun.2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30384.pdf>>. Acesso em: 03.mar.2017.

FUÃO, Fernando. *Teorias e praticas na arquitetura e na cidade contemporânea*. Anais do 2º ENANPARQ. Natal, 18 a 21,set.2012. Disponível em: <<http://fernandofuao.blogspot.com.br/2012/09/a-hospitalidade-na-arquitetura.html>>. Acesso em 23.nov.2016.

HOLZ, Sheila. *Política de Habitação Social e o Direito a Moradia no Brasil*. X Coloquio Internacional de Geocrítica. Barcelona, mai.2008. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/-xcol/158.htm>>. Acesso em 10.out.2014.

LEEDS, Antony, LEEDS, Elisabeth. *A sociologia do Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MARICATO, Erminia. *Brasil, cidades – Alternativas para a crise urbana*. Petrópolis: Vozes, 2013.

McCALLUM, Cecilia. BUSTAMANTE, Vania. Parentesco, gênero e individualização no cotidiano da casa em um bairro popular de Salvador da Bahia. *Revista Etnográfica*, vol. 16 (2), 2012. Acesso em: 07.jun.2016.

RABINOVICH, Elaine Pedreira. A casa dos sem-casa. *Psicologia: ciência e Profissão*. vol.12 no.3-4 Brasília, 1992. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931992000300004>. Acesso em: 07.fev.2017.

RAMOS, Leonardo Serrat de Oliveira. *Moradia Digna: Plurissignificação Necessária para a Compreensão do Mínimo Existencial*. UFRGS, 2011 (Conclusão Graduação em Direito). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Direito. Porto Alegre, 2011.

ROSENTHAL, Gabriele. *Pesquisa social interpretativa: uma introdução*. Tradução de Tomás da Costa. Porto Alegre: Edipucrs, 2015.

RUI, Taniele. *Corpos abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de*

crack. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma concepção multicultural de direitos humanos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 48, Coimbra, jun.1997.

SANTOS, Hermílio. *O pluralismo na teoria contemporânea*. Ação, relevância e interpretação subjetiva. ANPOCS - Anais do 38º Encontro. Caxambu, 28.out.2011. Disponível em: <<http://portal.anpocs.org>>. Acesso em: 02.out.2014.

SCHÜTZ , Alfred. *El Problema de la Realidad Social*. Escritos I. Buenos Aires: Amorrortu, 2008.

_____. *Estúdios sobre teoría social*. Escritos II. Buenos Aires: 2003.

_____; LUCKMANN, Thomas. *The Structures of the Life-World*. v. 1, Evanston : Northwestern University Press, 1973.

SCHÜTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.